



Trans/Form/Ação

ISSN: 0101-3173

ISSN: 1980-539X

Universidade Estadual Paulista, Departamento de Filosofia

Salvia, André Luis La

Comentário a “Da síntese de um disparate: Saussure repete Deleuze”

Trans/Form/Ação, vol. 45, núm. 1, 2022, Janeiro-Março, pp. 65-68

Universidade Estadual Paulista, Departamento de Filosofia

DOI: <https://doi.org/10.1590/0101-3173.2022.v45n1.p65>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=384272265005>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em [redalyc.org](http://redalyc.org)



Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa  
acesso aberto

## COMENTÁRIO A “DA SÍNTESE DE UM DISPARATE: SAUSSURE REPETE DELEUZE”

André Luis La Salvia<sup>1</sup>

Referência do artigo comentado: ANDRADE, André Dias de. Da síntese de um disparate: Saussure repete Deleuze. **Trans/form/ação**: revista de Filosofia da Unesp, v. 45, n. 1, p. 45-64, 2022.

O método estrutural possui uma faceta filosófica muito difundida em nossa Filosofia acadêmica. As missões francesas trouxeram para cá, na constituição do curso de Filosofia da USP, o tal método. Victor Goldschmidt, com o *Tempo Histórico e Tempo Lógico na Interpretação dos Sistemas Filosóficos*, e Martial Gueroult, com *Lógica, Arquitetônica e Estruturas Constitutivas dos Sistemas Filosóficos* (GUEROUT, 2007) são alguns dos exemplos que podemos encontrar desse tipo de orientação metodológica. Um primeiro motivo para que o texto de Andrade (2022) possa ser lido reside no fato de que precisamos estudar as variações estruturalistas e extrair delas possibilidades, ao invés de apenas repetir, muitas vezes intuitivamente, um método de leitura nos nossos trabalhos de curso, dissertações, teses e artigos.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Professor na Universidade Federal do ABC (UFABC), Santo André, SP – Brasil.  <https://orcid.org/0000-0002-1111-5052>. E-mail: la.salvia@ufabc.edu.br.

<sup>2</sup> Observações importantes sobre o “método” de se fazer Filosofia, no Brasil, podem ser encontrados tanto em Oswaldo Porchat, *Discurso aos estudantes sobre a pesquisa em Filosofia*, quanto em Paulo Marguti, *Sobre a nossa tradição exegetica*.

<https://doi.org/10.1590/0101-3173.2022.v45n1.p65>



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

Gilles Deleuze tinha uma relação complexa com o estruturalismo, em sua fase inicial de produção filosófica, porque, ao mesmo tempo que escreve dois artigos elogiosos ao método – *Em que podemos reconhecer o estruturalismo?* e *Espinosa e o método geral de Martial Gueroult* –, o filósofo chegou a afirmar:

Sou de uma geração, uma das últimas gerações que foram mais ou menos assassinadas com a história da filosofia. A história da filosofia exerce em filosofia uma função repressora evidente, é o Édipo propriamente filosófico: “você não vai se atrever a falar em seu nome enquanto não tiver lido isto e aquilo, e aquilo sobre isto, e isto sobre aquilo”. Na minha geração muitos não escaparam disso, outros sim, inventando seus próprios métodos e novas regras, um novo tom. (DELEUZE, 1992, p. 14).

Será que o estruturalismo era o agente repressor que nos prende ao comentário de textos canônicos, ou seria ele a invenção de um método? Parece que seria uma invenção, haja vista que os artigos elogiosos são seguidos de duas obras que, de certo modo, são “estruturalistas”: *Diferença e Repetição* e *Lógica do Sentido*. E, nesse sentido, o trabalho de André de Andrade volta a ser digno de elogios, ao articular as obras de Saussure e de Deleuze. É um desafio enorme articular a “estrutura”, ou “sistema”, da gênese linguística de Saussure com a estrutura da ideia e a gênese ontológica da diferença, em Deleuze. Principalmente porque Deleuze não o cita, entre os “estruturalistas” (são citados R. Jacobson, Claude Lévi-Strauss, Jacques Lacan, Michel Foucault, Louis Althusser, Roland Barthes e o grupo literário da revista *Tel Quel*, citados explicitamente Philippe Sollers e Jean-Pierre Faye), nos quais se pode reconhecer o estruturalismo, mas dá razão àqueles que o consideram a origem.

Mas o que justifica minha pergunta é que Deleuze, ao encontrar Felix Guattari, este um notório crítico ao estruturalismo lacaniano, muda o campo conceitual, faz sua filosofia variar para outro lugar, nesse caso, para as máquinas. Depois dessas obras iniciais, Deleuze não mais tratará de ideias e estruturas.

Eis o lugar em que insiro minha leitura do artigo de Andrade: sua procura de correlação entre Saussure e Deleuze são uma explicação consistente, para quem se interessa pela gênese da diferença, pela relação diferencial, pela estrutura da ideia como diferença/ciação. Apesar de notar que o artigo não confere atenção à noção de “díspar”, definido como precursor sombrio da diferença de intensidade, ele não é trazido para a articulação, mesmo tendo “disparate” no título e um possível gancho para tal, sendo que o díspar é que põe em relação séries heterogêneas. O artigo procura então encontrar aproximações

e diferenciações entre o *Curso de linguística Geral* de Saussure e a estrutura da ideia de *Diferença e Repetição*, em Deleuze, passando pela questão de como o estruturalismo seria uma ponte entre ambos os sistemas de pensamento.

Porém, a fase estruturalista é um marco conceitual que passará por uma variação ao longo da obra de Deleuze, e a isso não se faz referência no artigo.

As máquinas formam acoplamentos heterogêneos, o sentido deixa de ser apenas linguístico e somos apresentados aos assígnificantes, as máquinas desejantes, aos corpos sem órgãos, ao rizoma, à criação conceitual. *Anti-Édipo* e *Mil Platôs* são os conceitos operando como máquinas, literalmente, sem metáforas. E isso tudo culminará em *O que é a filosofia?*, onde a “estrutura da ideia” cede lugar à complexa “criação filosófica de conceitos” como invenção de agenciamentos entre elementos heterogêneos, processo ligado à criação de uma plano de imanência, de personagens conceituais e de zonas de vizinhança intensiva entre tais elementos. Tudo animado por problemas que vêm de fora e que forçam a pensar.

Esse fora é um caos. Do caos, o filósofo traz variações. Gilles Deleuze e Félix Guattari afirmam um caos, e o pensamento precisa atravessá-lo. Caos definido como aquele no qual as determinações se criam e apagam em velocidades infinitas. O caos caotiza, desfaz toda consistência nessa velocidade infinita que dissipa tudo o que nele se esboça. O filósofo pode estabelecer uma relação de criação com esse caos, ou seja, pode criar com consistência, mas o mantendo como fonte de variações no seu pensamento.

Acoplamentos, assígnificantes, caos, variações... o vocabulário muda com o maquínico, pois muda a imagem do pensamento. Não mais uma imagem estruturante do pensamento, mas uma imagem maquínica do pensamento.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, André Dias de. Da síntese de um disparate: Saussure repete Deleuze. **Trans/form/ação**: revista de Filosofia da Unesp, v. 45, n. 1, p. 45-64, 2022.

DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Ed 34, 1992.

GUEROULT, M. Tradução: Lógica, arquitetônica e estruturas constitutivas dos sistemas filosóficos. **Trans/form/ação**: Revista de Filosofia da Unesp, v. 30, n. 1, p. 235 - 246, 2007.

---

Recebido: 12/7/2021

Aceito: 28/7/2021 3

